



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E SUAS REPRESENTAÇÕES SOBRE LEITURA E ESCRITA

Denise Aparecida Brito Barreto*
(UFBA)

Alessandra Cruz**
(UESB)

Iris Nunes de Souza***
(UESB)

Zeneide Paiva****
(UFBA)

RESUMO

Este estudo sobre as representações sociais dos professores de Educação de Jovens e Adultos sobre leitura e escrita foi idealizado e realizado contando com 149 professores, distribuídos em escolas públicas estaduais e municipais, em Vitória da Conquista - BA. Observou-se que as representações de leitura e escrita dos professores permanecem ainda restritas a poucos textos. As suas práticas escolares também deveriam orientar-se de forma mais refletida e sistemática para o fomento de atitudes favoráveis à leitura e ao seu aprendizado crítico, capazes de perdurar após o término da educação formal e resultar numa postura ativa na busca de oportunidades de desenvolvimento cultural e educação continuada.

*Letras, Professora, Doutora em Educação (UFBA), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: deniseabrito@gmail.com.

**Letras, Professora, Especialista em, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: zurhcale@yahoo.com.br.

***Letras, Professora, Especialista Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: irisnunesdesouza@hotmail.com.

****Letras, Professora, Mestre em Educação (UFBA), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: zeneide.paiva@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

PALAVRAS-CHAVE: Leitura e escrita; Representações sociais; Prática docente; Formação de professores; Alfabetização de adultos.

INTRODUÇÃO

Torna-se cada vez mais importante um "novo olhar" sobre a forma como interagimos uns com os outros e como construímos e partilhamos idéias, conceitos e conhecimentos, pelas suas implicações no modo de interpretarmos, compreendermos e enfrentarmos os problemas com que nos deparamos no nosso cotidiano. Assim, o conhecimento da representação social que um indivíduo tem de um determinado objeto constitui um modo de entender como ele interroga e interpreta os sinais da realidade que constrói, num determinado domínio, sobre esse mesmo objeto.

Das representações sociais que construímos e que nos ajudam a aceder a fenômenos diretamente observáveis, ou reconstruídos a partir da investigação científica, advém o conhecimento que, segundo Jodelet (1989, p. 36) é "uma modalidade de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático e contribuindo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social", sendo usualmente designado por senso comum. Devido à sua importância na vida social, é tão fundamental como o estudo do conhecimento científico, uma vez que são as nossas representações que regem as relações que estabelecemos com os outros e com o mundo.

A circunstância de, no atual contexto educacional, decorrer um período de reforma curricular torna urgente e quase obrigatório tentar perceber como é que os professores, e em particular os professores de EJA²²⁶, encaram e se adaptam às

226 Educação de Jovens e Adultos - EJA



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

mudanças que lhes são impostas, sendo para isso fundamental conhecer as suas representações sociais sobre leitura e escrita, que resultará em seu ensino e aprendizagem.

Neste estudo partimos das considerações levantadas por Serge Moscovici que, em 1961, reascende as discussões sobre mediação entre o individual e o social no que se refere à Psicologia Social. Considerações essas que colocam em cheque a concepção essencialmente social proposta por Durkheim, ou as cognitivistas fundamentadas por Piaget. Assim, foram, sobretudo, os estudos de Durkheim, Piaget e Freud que levaram Moscovici (1989) a retomar o estudo das representações, praticamente abandonado durante quase meio século, após ter sido o fenômeno mais marcante da ciência na França.

Esse projeto prever a existência de uma relação dialética entre as representações sociais do professor de EJA, sobre leitura e escrita, seu ensino e aprendizagem, e suas respectivas práticas, que contribuem, em determinadas condições, para a evolução das representações sociais. Acreditamos ainda que uma prática que tenha em conta o conhecimento das representações sociais desse professor melhorará de forma considerável o processo de ensino e de aprendizagem de leitura e escrita e facilitará a aprendizagem significativa dos respectivos conceitos.

Constituiu-se o objetivo deste trabalho examinar as representações sociais de leitura e escrita do professor de EJA, destacando sua atuação com relação ao ensino da leitura e escrita, em Vitória da Conquista – Bahia, no primeiro semestre do ano de 2008.

O tema escolhido foi proposital. Isso por saber que as Representações Sociais sobre leitura e escrita não são restritas aos professores de língua portuguesa. A necessidade destas práticas encontra-se na educação. Entendemos que a formação profissional do educador (professor-leitor) será um marco em nossa sociedade, cujos



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

frutos serão avaliados e colhidos dentro de alguns anos. Deste modo, importa-nos fazer parte dessa história ao dar a nossa contribuição com esta pesquisa.

A instituição Escola, inserida nesse contexto, é parte integrante desse todo social e, por isso, convive com todos os anseios e desejos dos sujeitos que buscam um sentido na escola para alcançar seu objetivo: estudar para competir no mercado formal, como é previsto na Lei 9394/96 Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, que estabelece como princípios os ideais de uma educação democrática, libertadora e autônoma.

De acordo com Moliner (1996), consideramos que os principais objetivos desta pesquisa estiveram direcionados para captar indicadores sobre representações sociais de professores de EJA sobre leitura e escrita, de modo a permitir a identificação e a caracterização das referidas representações sociais.

Para a compreensão das representações construídas e das significações atribuídas socialmente à linguagem e, mais propriamente, a leitura e a escrita, tornou-se necessário o recurso à teoria das representações sociais e a sua articulação com o objeto de estudo da investigação.

LEITURA E ESCRITA: VARIAÇÕES EM TORNO DE UM MESMO TEMA

Apesar de geralmente apresentadas como dois sub-blocos, é necessário compreender que leitura e escrita são práticas complementares, fortemente relacionadas, e modificam-se mutuamente. Elas estão intrinsecamente ligadas, pois a leitura tem como finalidade primordial permitir a escrita. São práticas que permitem ao aluno construir seu conhecimento sobre os diferentes modelos textuais, sobre os procedimentos mais adequados para lê-los e escrevê-los e sobre as circunstâncias de uso da escrita.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A relação estabelecida entre leitura e escrita, entre o papel de leitor e o de escritor, no entanto, não é mecânica: alguém que lê muito não é, necessariamente, alguém que escreve bem. Pode-se dizer da existência de uma grande possibilidade de ser assim. É nesse contexto – considerando que o ensino deve ter como meta formar leitores que sejam também capazes de produzir textos coerentes, coesos, adequados e ortograficamente escritos – que a relação entre essas duas atividades deve ser compreendida.

Paulo Freire (1997) aponta para a leitura e a escrita como sendo necessidades do homem, tendo em vista a sua introdução “no mundo e com o mundo” (p. 109) e considerando, em vista disso, a necessidade de assumir “o seu papel de sujeito e não de mero e permanente objeto.” (p.109). O valor educacional do diálogo e da participação social, a consideração do educando como sujeito portador de saberes reconhecidos, deveria ser de fato o ideário da Educação Popular.

Há alguns séculos a escrita era um privilégio da casta intelectual que perenizava e registrava o saber, permitindo a manutenção da elite no poder daquelas sociedades. Esse retrato pouco se alterou nos dias de hoje, pois apesar de ser acessível à maior parte da nossa sociedade a escola é pouco democrática e sabemos que continua a perpassar a ideologia dominante ratificadora do ensino da escrita de acordo com os interesses daqueles que estão no poder.

A alfabetização das classes populares vem sendo incentivada com o intuito de possibilitar que o indivíduo seja mais produtivo ao sistema, a fim de ler e compreender as instruções escritas no trabalho e em outros espaços, visando à manutenção da ordem com o intuito das hierarquias do poder continuar imperando.

As exigências educacionais da sociedade contemporânea são crescentes e estão relacionadas a diferentes dimensões da vida das pessoas: ao trabalho, à participação social e política, à vida familiar e comunitária, às oportunidades de lazer



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

e desenvolvimento cultural. O domínio da escrita torna-se uma qualificação necessária aos indivíduos na sociedade contemporânea e desponta como um fator discriminatório.

Ler e escrever são valores familiares que correspondem, na verdade, a um valor social. São esses valores de produtividade que afirmam o sujeito e lhe franqueiam a diversidade do conhecimento. Sendo assim, a escrita não pode ser vista apenas como uma convenção social, mas também como uma imposição histórica.

No mundo atual é inconcebível que não se saiba ler e escrever, pois a vida dinâmica exige uma maior interação entre o sujeito e o mundo, e entre todos os seres. Caminha-se a passos largos em direção a um mundo globalizado, onde a escrita constitui um grande elo comunicativo entre os povos.

Hoje a alfabetização é uma questão de fundamental importância. Os textos e os números estão presentes em quase todas as ações do nosso dia-a-dia. Quem não sabe ler e escrever em uma sociedade letrada está em desvantagem.

A concepção de alfabetização mudou nestas últimas décadas. Somente saber escrever o próprio nome e decifrar algumas palavras não é estar alfabetizado. Alfabetizar recebeu uma conotação maior, valendo a importância que a língua e os números adquiriram no mundo atual e, sendo assim, as necessidades de ler e escrever tornaram-se mais pertinentes.

Na alfabetização há um sujeito que busca adquirir conhecimentos, que propõe problemas e tenta resolvê-los segundo a sua própria metodologia, conforme afirmam Ferreiro e Teberosky (1999). O sujeito quando aprende a ler e a escrever construindo significados realiza um trabalho garantido apenas pela sua capacidade de pensar. Aprender a ler e a escrever tem muitos aspectos comuns com outras aprendizagens que realizamos.

Assim sendo, quando o alfabetizando usa o que sabe ou pensa saber sobre a



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

escrita, ele vai ampliando cada vez mais suas descobertas. Neste processo, ele se vale dos conhecimentos que tem da escrita e dos resultados obtidos com suas tentativas de escrever. Enfim, o alfabetizando procura compreender como a escrita funciona. Isso também é feito a partir dos textos com os quais tem contato e das informações fornecidas pelo professor e pelos colegas.

REPRESENTAÇÕES DOS PROFESSORES DE EJA SOBRE LEITURA E ESCRITA: análise dos questionários

Com o intuito de facilitar a análise e a redação desse projeto de pesquisa, de forma mais didática, transcrevemos as respostas identificando muitas evidências que nos levaram a organizar as questões em categorias assim definidas: **Formação pessoal e profissional** (Sexo; Formação; Rede de ensino a qual pertence); **Atualização docente** (Realização de cursos de atualização ou aperfeiçoamento de leitura e escrita; Últimos cursos de capacitação efetuados); **Prática pedagógica na sala de aula** (Forma que trabalha a leitura; Forma que trabalha a escrita; Representação sobre o trabalho como professor de leitura e escrita em EJA).

Fizeram parte dessa pesquisa 20 professores da rede Municipal e 25 professores da rede Estadual de Ensino. Pudemos perceber que o número de professores do sexo masculino é bem menos significativo (3 na rede Municipal e 6 na rede Estadual), nas duas redes, do que o número de professores do sexo feminino. Essa pesquisa confirma que a sala de aula é um espaço ocupado majoritariamente por mulheres.

Os autores Mello (1990) e Novaes (1984) afirmam que alguns estudos feitos a respeito do magistério, como profissão predominantemente feminina, permitem que se chegue a algumas conclusões como a de que esse fato pode ter relação com “estereótipos” de que a ocupação do magistério é adequada mais ao sexo feminino.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Nas outras licenciaturas não é observado esse tipo de “preconceito”, que sabemos existir em licenciaturas como Letras e Pedagogia. Esse estereótipo está se modificando, conforme estudos realizados sobre licenciaturas onde se encontravam mais sujeitos do sexo feminino. As próprias pesquisas apontam para a quebra desse tabu, embora a nossa pesquisa ainda demonstre o contrário

Uma justificativa para essa diferença entre o número de professores do sexo masculino e feminino, em ambas as redes, encontra-se ao percebermos que os professores da rede estadual são graduados em diversas licenciaturas que não recebem a marca “feminina” do Magistério como, por exemplo, os cursos de Ciências Biológicas, Matemática e Geografia.

Um diferencial marcante e percebido entre as duas redes de ensino é com relação à formação dos professores. Observamos que todos os professores da rede pública Estadual são licenciados em diversas áreas, enquanto na rede pública municipal alguns ainda resistem a essa exigência (principalmente os que estão próximos da aposentadoria). Dos vinte e cinco professores da rede estadual, apenas 2 possuem formação em magistério. Os demais concluíram diversas licenciaturas. Da rede Municipal, dos vinte professores questionados, 16 concluíram ou estão concluindo algum tipo de licenciatura.

Portanto, através dos levantamentos de dados feitos junto aos professores de ambas as redes, puderam ser construídos os seus perfis profissionais. Embora a realização de um curso superior esteja no horizonte de suas expectativas, ainda não conseguiram aperfeiçoar seu conhecimento por essa via; também consideraram difícil a busca do aperfeiçoamento profissional através de cursos de formação continuada, compra de livros, ou pela participação em congressos e outros eventos, dados os limites da condição financeira para isso. Excepcionalmente, participaram de cursos de



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

formação continuada de professores, oferecidos pelas Instituições, para as quais foram convocados.

As razões detectadas, por esses professores, para tamanha ausência, foram reveladas por muitos deles. As causas detectadas, nessa pesquisa, correspondem às mesmas abordadas por diversos pesquisadores em outros estudos e apenas ratificadas aqui nessa tese. Podemos citar a falta de tempo, a dificuldade financeira e a falta de interesse como as mais citadas por esses professores.

Participar destes eventos tem contribuído muito para a formação dos professores, haja vista que alguns ainda estão no início dos cursos de graduação. Além disso, têm também a oportunidade de estabelecer um diálogo sobre a questão da educação de um modo geral.

Observamos que os cursos de atualização ou aperfeiçoamento para os professores da rede municipal, ocorridos nos últimos anos, foram, na sua maioria, oferecidos pela UESB, seguidos da Secretaria de Educação e Cultura Municipal dessa cidade. Pudemos constatar que essas duas Instituições formam uma grande parceria quando se trata de melhoria de qualidade dos professores. Destacamos o grande empenho pelo projeto PROLER, da Biblioteca Nacional, que na região está sob a responsabilidade da UESB, e que ocorre há 16 anos, nessa cidade. O PROLER pode ser considerado um projeto de grande adesão e aceitação pelos profissionais. Isso acontece porque desenvolve o gosto pela leitura e por apresentar estudos na área de leitura, informando aos professores sobre o que há de mais atual sobre o tema.

Diz Smith (*apud* MORAES, 1990) que muitos professores são treinados para serem ignorantes, para depender da opinião de especialistas, em vez de recorrerem ao próprio bom senso. O autor comenta que, em suas palestras sobre leitura, as perguntas da platéia são – como se ensina a ler, qual o melhor método – quando seria



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

mais oportuno indagar o que é preciso saber sobre leitura para decidir-se com independência o que fazer.

A Prof^ª. Dr^ª. Stela Piconez²²⁷, no seu artigo publicado na Revista Educação (1998, p. 37), aponta os problemas disponibilidade de tempo e desnível salarial, entre os que impedem a realização da formação continuada para muitos professores

Quanto à representação dos professores com relação à escrita percebemos que a maioria a concebe como um sistema de representação. Portanto, “sua aprendizagem se converte na apropriação de um novo objeto de conhecimento, ou seja, em uma aprendizagem conceitual” (FERREIRO, 1995, p. 16)

Encontramos uma conseqüência mais dramática, com relação a outras respostas, que concebe a escrita como um código de transcrição fonética. Torna-se preocupante esse conceito de escrita, em função desses professores pensarem a aprendizagem como a aquisição de uma técnica e não como uma apropriação de um novo objeto de conhecimento. Ferreiro (1995, p. 14) afirma que “os programas de preparação para a leitura e a escrita que derivam desta concepção centram-se, assim, na exercitação da discriminação, sem se questionarem jamais sobre a natureza das unidades utilizadas.”

Matencio (1994) aponta que o senso comum resiste às mudanças e, tomando como base uma visão já tradicional da leitura e da escrita, nos confirma que o aprendizado dessas práticas continua a ser visto como o acesso às primeiras letras, que seria acrescido linearmente do reconhecimento das sílabas, palavras e frases, que, em conjunto, formariam os textos, após o conhecimento dos quais o aprendiz estaria apto a ler e escrever: essa seria a concepção de leitura e escrita adotada por alguns desses professores de Educação de Jovens e Adultos e, conseqüentemente, do ensino e aprendizagem como um processo cumulativo.

²²⁷Stela Piconez é coordenadora do Núcleo de Educação de Adultos (NEA), da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

O professor deve promover a prática de escrever em sala de aula, senão será impossível minimizar as dificuldades existentes na hora de escrever em casa. O aluno deve enxergar na escrita o meio pelo qual suas idéias serão organizadas e divulgadas a outras pessoas. A partir disso, é imprescindível repensar o papel do ato de escrever nas escolas, epicentro do saber, espaço de crítica e reflexão. Dessa forma, espaço também de debate, de leitura e de muita escrita a respeito de tudo que passa por ela.

Sobre as formas de trabalho realizadas com leitura e escrita os professores responderam que ao lado da atividade de leitura orientada pelo gosto, pelo prazer de atribuir sentido a um texto, cada professor, na aula de sua respectiva área promoverá a leitura de textos que devem ser aprofundados e todos poderão vivenciar o encantamento da descoberta dos muitos sentidos dos textos estudados. Esta inserção do aluno no universo da cultura letrada desenvolve a habilidade de dialogar com os textos lidos, através da capacidade de ler em profundidade e interpretar textos significativos para a formação de sua cidadania, cultura e sensibilidade.

Ler e escrever, portanto, implicam redimensionar as práticas e os espaços escolares. Isto leva a uma reflexão sobre a relação pessoal com o desenvolvimento da leitura e da escrita na sala de aula e, no limite, propõe o desencadeamento de novos modos de ser e fazer o ler e o escrever na escola.

Alguns professores expressaram, através do seu discurso, elementos de uma representação social de professor associada às questões sociais mais amplas, direta ou indiretamente, relacionadas ao processo ensino-aprendizagem. O professor é percebido não somente como transmissor de conhecimentos, mas como responsável pela construção da cidadania, favorecendo a consciência crítica e reflexão da ordem social estabelecida, possibilitando a sua transformação. Ao professor compete também a responsabilidade de ensinar a aprender, despertar nos alunos a habilidade para crescer. A ênfase está, pois, não somente na apreensão dos conteúdos, mas



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

também no processo de ensino, tendo em vista uma perspectiva de futuro. Observe-se que esses docentes organizavam as suas imagens de professor, destacando o caráter social e o individual da profissão docente:

Também temos a imagem de professor para quem o exercício docente é caracterizado como uma ferramenta necessária para ascensão social do sujeito; reflete o caráter individual da profissão. A imagem agente transformador é predominante entre os entrevistados, refletindo uma preocupação acerca do papel e importância da sua profissão, seja para o êxito individual dos alunos, seja para a própria sociedade.

O professor é também percebido como figura afetiva responsável pela formação moral e de hábitos de seus alunos, de forma abnegada, substituindo ou extrapolando atribuições da educação formal, mantendo relação próxima com os alunos, atendendo a demandas afetivas. Assim, percebemos que a complexidade de ser professor, não está somente em ser professor da Educação de Jovens e Adultos, mas sim ser profissional – pessoa e ter a sensibilidade de perceber que o ser humano está inserido no mundo complexo, onde a cultura, a razão, o afeto e a vida em sociedade podem conduzir os diversos caminhos da existência, e através desta trajetória, assim como afirma Tardiff (2002), o professor estará se constituindo.

Desta forma, percebe-se que o ensinar jovens e adultos exige dos professores o domínio de novos saberes docentes ou saberes profissionais, apoiados por saberes práticos adquiridos pela experiência que Sacristán (*apud* NÓVOA 1995, p. 77) destaca como o “saber fazer” que trata da sabedoria acumulada através da prática pessoal e coletiva, e que são aprendizagens cotidianas, que não são de uso exclusivo de professores, sendo que um conjunto de saberes práticos pode trazer a um esquema estratégico que ajudará o professor na capacidade da organização pedagógica.

Os processos de aquisição do conhecimento são tão importantes como os



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

produtos do próprio conhecimento embora estes sejam também importantes [...]. O saber cresce e alarga-se quando partilhado, de tal modo que a aprendizagem em colaboração e por descoberta decorrem da premissa de que o conhecimento é construído socialmente e o essencial a reter da ação é que as pessoas aprendam fazendo (HOLLY *apud* NÓVOA, 1992, p. 86). Ser professor exige ter equilíbrio entre o “eu” pessoal e o “eu” profissional, ter consciência que um pode interferir no outro, e que na essência está o ser humano e também as aprendizagens.

CONCLUSÕES

De antemão, é preciso dizer que o que observamos, lemos e ouvimos dos professores de EJA, mais do que enunciar problemas, revela o próprio trabalho que a EJA vem ou não fazendo. Ou seja, olhando para os professores, as escolas, suas representações e suas práticas de leitura e escrita, enxergamos a nós mesmos. Este texto se propõe, portanto, a pensar o que precisamos com urgência fazer, desfazer ou refazer.

Todos têm uma grande responsabilidade social diante dos sujeitos com quem atuamos. Nós mesmos (professores, profissionais da educação) muitas vezes não tivemos nosso direito respeitado, não nos tornamos leitores, temos medo de escrever, deixamos de ler, não gostamos que leiam o que escrevemos. Trata-se de propiciar a todos – inclusive a nós, também, oportunidades de ler, escrever, voltar a ler ou perder a vergonha de escrever.

Em suma, pudemos vislumbrar com esta pesquisa duas perspectivas de continuidade. A primeira foi a verificação da prática, tomando como ponto de partida esse conteúdo das representações que encontramos em nosso trabalho e a segunda esteve mais direcionada ao aprofundamento do conteúdo das representações dos



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

professores sobre Leitura e Escrita, a partir de uma retomada da dimensão individual através do discurso argumentativo dos sujeitos.

As contribuições pretendidas, portanto, são em nível de diagnóstico, autoconhecimento para os professores e para divulgação em espaços variados. Concluindo, pela investigação realizada, é possível constatar que, junto aos professores pesquisados, a articulação leitura /escrita não é mais um mito. Constitui uma realidade que poderá servir de exemplo não só para os seus pares como para todos a quem possam servir.

Ressalta-se a importância desse estudo que, com certeza, estará contribuindo decisivamente para que tenhamos uma melhor compreensão, estruturação e conhecimento do problema analisado.

Apesar dos limites pensamos que este trabalho irá oferecer uma contribuição junto àqueles que vêm se preocupando com a melhoria do ensino como forma de garantir a formação de um cidadão autônomo atuante na construção de uma sociedade mais justa.

REFERENCIAS

- FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 1985.
_____. **Com todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1992.
_____. **Reflexões sobre alfabetização**. 24ª ed. São Paulo, 1995.
FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. São Paulo: Cortez, 1975.
FREIRE, Paulo. **Educação como prática para a liberdade**. 17ª Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
_____. **Pedagogia do oprimido**. 32ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
_____. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo:



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

_____. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1997.

JODELET, D. (Org). **Les représentation sociales.** Paris: Presses, Universitaires de France, 1989.

LANZA, Avanir Avelar Xavier. **Projeto pró-leitura na formação do professor.** Brasília: MEC, 1998.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura produção de textos e a escola.** São Paulo; Mercado de Letras, 1994.

MELLO, Guiomar Namó. et all. **Magistério de 1º grau:** da competência técnica ao compromisso político. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1990.

MOLINER, P. **Images et représentations sociales.** Grenoble: PUG, 1996.

MOLINER, P., Rateau, P., Cohen-Scali, V. (2002). **Les représentations sociales:** pratiques des études de terrain. Rennes: PUR.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise.** Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NOVAES, Maria Eliana. **Professora primária, mestra ou tia.** São Paulo: Cortez, 1984.

NÓVOA, Antônio (Org.). **Os professores e a sua formação.** Portugal: Dom Quixote, 1992.

_____. (Org.). **Vidas de professores.** 2.ed. Porto: Porto Editora, 1995.

PICONEZ, Stela C. Bertholo. **Alfabetização de Jovens e Adultos e Formação Continuada de Professores.** Disponível em http://www.miniweb.com.br/atualidade/entrevistas/Stela_Piconez/profa_stela.html. Acesso em 10/05/2008.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura:** Uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

_____. **Leitura significativa.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

TARDIFF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.